

I ENCONTRO NACIONAL DE DIREITO DO FUTURO

DIREITO, ARTE E LITERATURA

D598

Direito, Arte e Literatura [Recurso eletrônico on-line] organização I Encontro Nacional de Direito do Futuro: Escola Superior Dom Helder Câmara – Belo Horizonte;

Coordenadores: Vinícius Biagioni, Wilson de Freitas Monteiro e Émilien Vilas Boas Reis – Belo Horizonte: Escola Superior Dom Helder Câmara - ESDHC, 2024.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-951-3

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Os desafios do humanismo na era digital.

1. Direito do Futuro. 2. Humanismo. 3. Era digital. I. I Encontro Nacional de Direito do Futuro (1:2024 : Belo Horizonte, MG).

CDU: 34



I ENCONTRO NACIONAL DE DIREITO DO FUTURO

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

O Encontro Nacional de Direito do Futuro, realizado nos dias 20 e 21 de junho de 2024 em formato híbrido, constitui-se, já em sua primeira edição, como um dos maiores eventos científicos de Direito do Brasil. O evento gerou números impressionantes: 374 pesquisas aprovadas, que foram produzidas por 502 pesquisadores. Além do Distrito Federal, 19 estados da federação brasileira estiveram representados, quais sejam, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo e Tocantins.

A condução dos 29 grupos de trabalho do evento, que geraram uma coletânea de igual número de livros que ora são apresentados à comunidade científica nacional, contou com a valiosa colaboração de 69 professoras e professores universitários de todo o país. Esses livros são compostos pelos trabalhos que passaram pelo rigoroso processo double blind peer review (avaliação cega por pares) dentro da plataforma CONPEDI. A coletânea contém o que há de mais recente e relevante em termos de discussão acadêmica sobre as perspectivas dos principais ramos do Direito.

Tamanho sucesso não seria possível sem o apoio institucional de entidades como o Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito (CONPEDI), a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o Mestrado Profissional em Direito e Inovação da Universidade Católica de Pernambuco (PPGDI/UNICAP), o Programa RECAJ-UFGM – Ensino, Pesquisa e Extensão em Acesso à Justiça e Solução de Conflitos da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, a Comissão de Direito e Inteligência Artificial da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Minas Gerais, o Grupo de Pesquisa em Direito, Políticas Públicas e Tecnologia Digital da Faculdade de Direito de Franca e as entidades estudantis da UFGM: o Centro Acadêmico Afonso Pena (CAAP) e o Centro Acadêmico de Ciências do Estado (CACE).

Os painéis temáticos do congresso contaram com a presença de renomados especialistas do Direito nacional. A abertura foi realizada pelo professor Edgar Gastón Jacobs Flores Filho e pela professora Lorena Muniz de Castro e Lage, que discorreram sobre o tema “Educação jurídica do futuro”. O professor Caio Lara conduziu o debate. No segundo e derradeiro dia, no painel “O Judiciário e a Advocacia do futuro”, participaram o juiz Rodrigo Martins Faria,

os servidores do TJMG Priscila Sousa e Guilherme Chiodi, além da advogada e professora Camila Soares. O debate contou com a mediação da professora Helen Cristina de Almeida Silva. Houve, ainda, no encerramento, a emocionante apresentação da pesquisa intitulada “Construindo um ambiente de saúde acessível: abordagens para respeitar os direitos dos pacientes surdos no futuro”, que foi realizada pelo graduando Gabriel Otávio Rocha Benfica em Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS). Ele foi auxiliado por seus intérpretes Beatriz Diniz e Daniel Nonato.

A coletânea produzida a partir do evento e que agora é tornada pública tem um inegável valor científico. Seu objetivo é contribuir para a ciência jurídica e promover o aprofundamento da relação entre graduação e pós-graduação, seguindo as diretrizes oficiais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além disso, busca-se formar novos pesquisadores nas mais diversas áreas do Direito, considerando a participação expressiva de estudantes de graduação nas atividades.

A Escola Superior Dom Helder Câmara, promotora desse evento que entra definitivamente no calendário científico nacional, é ligada à Rede Internacional de Educação dos Jesuítas, da Companhia de Jesus – Ordem Religiosa da Igreja Católica, fundada por Santo Inácio de Loyola em 1540. Atualmente, tal rede tem aproximadamente três milhões de estudantes, com 2.700 escolas, 850 colégios e 209 universidades presentes em todos os continentes. Mantida pela Fundação Movimento Direito e Cidadania e criada em 1998, a Dom Helder dá continuidade a uma prática ético-social, por meio de atividades de promoção humana, da defesa dos direitos fundamentais, da construção feliz e esperançosa de uma cultura da paz e da justiça.

A Dom Helder mantém um consolidado Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Direito Ambiental e Sustentabilidade, que é referência no país, com entradas nos níveis de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Mantém revistas científicas, como a Veredas do Direito (Qualis A1), focada em Direito Ambiental, e a Dom Helder Revista de Direito, que recentemente recebeu o conceito Qualis A3.

Expressamos nossos agradecimentos a todos os pesquisadores por sua inestimável contribuição e desejamos a todos uma leitura excelente e proveitosa!

Belo Horizonte-MG, 29 de julho de 2024.

Prof. Dr. Paulo Umberto Stumpf – Reitor da ESDHC

Prof. Dr. Franclim Jorge Sobral de Brito – Vice-Reitor e Pró-Reitor de Graduação da ESDHC

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara – Pró-Reitor de Pesquisa da ESDHC

O POVO QUE NÃO CONHECE SUA HISTÓRIA ESTÁ FADADO A REPETI-LA: A RELEVÂNCIA DO DESFILE DA PORTELA, EM 2024, EM UMA REFLEXÃO ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO.

PEOPLE WHO DON'T KNOW THEIR HISTORY ARE DOOMED TO REPEAT-IT: THE RELEVANCE OF PORTELA PARADE, IN 2024, FOR A REFLECTION BETWEEN PAST, PRESENT AND FUTURE.

Mariana Conceição Rodrigues Porfírio

Resumo

O enredo "Um defeito de cor" da G.R.E.S Portela em 2024, inspirado no livro de Ana Maria Gonçalves, resgata o passado escravocrata e denuncia a realidade racista atual no Brasil. Destacando a angústia das mães negras e clamando pela memória dos ancestrais, o desfile promove reflexões sobre a experiência da população negra. Utilizando o Carnaval como plataforma de denúncia social, a Portela recebeu o prêmio Estandarte de Ouro 2024 e impulsionou as vendas do livro na Amazon, alcançando seu objetivo brilhantemente.

Palavras-chave: Portela, Reflexão, Memória, Desfile, Carnaval

Abstract/Resumen/Résumé

The plot "Um defeito de cor" by G.R.E.S Portela in 2024, inspired by the book by Ana Maria Gonçalves, rescues the slavery past and denounces the current racist reality in Brazil. Highlighting the anguish of black mothers and calling for the memory of ancestors, the parade promotes reflections on the experience of the black population. Using Carnival as a social reporting platform, Portela received the Estandarte de Ouro 2024 award and boosted sales of the book on Amazon, achieving its objective brilliantly.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Portela, Reflexion, Memory, Parade, Carnival

O POVO QUE NÃO CONHECE SUA HISTÓRIA ESTÁ FADADO A REPETI-LA: A RELEVÂNCIA DO DESFILE DA PORTELA, EM 2024, PARA UMA REFLEXÃO ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO

PEOPLE WHO DON'T KNOW THEIR HISTORY ARE DOOMED TO REPEAT IT: THE RELEVANCE OF PORTELA PARADE, IN 2024, FOR A REFLECTION BETWEEN PAST, PRESENT AND FUTURE.

Mariana Conceição Rodrigues Porfirio ¹

Resumo

O enredo "Um defeito de cor" da G.R.E.S Portela em 2024, inspirado no livro de Ana Maria Gonçalves, resgata o passado escravocrata e denuncia a realidade racista atual no Brasil. Destacando a angústia das mães negras e clamando pela memória dos ancestrais, o desfile promove reflexões sobre a experiência da população negra. Utilizando o Carnaval como plataforma de denúncia social, a Portela recebeu o prêmio Estandarte de Ouro 2024 e impulsionou as vendas do livro na Amazon, alcançando seu objetivo brilhantemente.

Palavras-Chaves: Portela; reflexão (memória); desfile; carnaval;

Abstract

The plot "Um defeito de cor" by G.R.E.S Portela in 2024, inspired by the book by Ana Maria Gonçalves, rescues the slavery past and denounces the current racist reality in Brazil. Highlighting the anguish of black mothers and calling for the memory of ancestors, the parade promotes reflections on the experience of the black population. Using Carnival as a social reporting platform, Portela received the "Estandarte de Ouro" 2024 award and boosted sales of the book on Amazon, achieving its objective brilliantly.

Keywords: Portela; reflexion; memory; parade; carnival.

1- Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No dia 12/02/2024, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela adentrou a Sapucaí com o enredo nomeado de “Um defeito de cor”, inspirado no livro da autora Ana Maria Gonçalves lançado em 2006 com o mesmo nome. Os carnavalescos responsáveis pelo desfile atual, Antônio Gonzaga e André Rodrigues, trazem para a avenida um enredo sobre a exaltação do matriarcado brasileiro, sobre o cruzamento dessas mulheres na ancestralidade, espiritualidade e na relação entre mães e filhos. Afinal, Luiza Mahin é Kehinde, presente na linha de frente da organização da Revolta dos Malês (a maior revolta de escravos registrada) e mãe do também líder abolicionista Luís Gama.

No livro, Kehinde narra sobre sua vida antes ainda em sua cidade natal e o que ela viveu antes de ser raptada, durante o rapto e viagem e o pós, quando é comprada e seu percurso, como ela ainda tenta cultivar sua religião de forma discreta porque a ela foi imposta a religião católica, como que ela se adaptou mas não aceitou a situação, e conta como ela se desencontrou com seu filho e luta para encontrá-lo, além de contar com a visão de Luís Gama, visão essa que só foi possível imaginar pois foi documentado em uma carta. Importante situar, pois, esse é o grande ponto de Ana Maria Gonçalves e da agremiação, a falta de documentação do povo escravizados e como isso se agrava para o esquecimento dessas pessoas, não se sabe onde morreram ou quando morreram, muito menos quando nasceram, muitos não se tem conhecimento do nome de origem. O livro foi considerado pela academia de letras como o livro mais importante da literatura brasileira no século XXI.

A G.R.E.S Portela, uma das mais tradicionais escolas de samba no Brasil, é uma escola já conhecida por seus enredos que recorrentemente se tratam de temas sociais e culturais relevantes. Trazendo em seu 100 desfile o enredo “Um defeito de cor”, ela trabalha de maneira precisa esse tema tão delicado e deixando ilustrado o quanto que, por mais que a escravidão tenha acabado, ainda é tão presente esse desencontro de mães e filhos pela morte, tendo ainda a deixa para a celebração dessas duas figuras tão emblemáticas para a resistência negra.

No tocante à metodologia da pesquisa sobre o resumo expandido utilizou, com base na classificação de Gustin, Dias e Nicácio (2020), a vertente metodológica jurídico-social. Com relação ao tipo genérico de pesquisa, foi escolhido o tipo histórico-jurídico. Por sua vez, o raciocínio desenvolvido na pesquisa foi predominantemente dialético. Quanto ao gênero de pesquisa, adotou-se a pesquisa teórica-bibliográfica.

2. O DESFILE E SEUS SIGNIFICADOS

A escola abre com a comissão de frente nomeada de “Sagrado feminino ensinamento” é coreografada para representar o reencontro entre mãe e filho com o pássaro da liberdade que é muito citado no livro, o que é inclusive uma referência ao mascote da Portela, a águia, entrando com um carro ilustrado por mulheres pretas entrelaçadas em tranças. Essa primeira imagem não ocorre no livro, foi algo que a escola fez por conta, com a devida autorização da autora, para que fizesse um contraste com o último carro aqui citado. Ainda na comissão de frente, entra o primeiro casal de mestre sala e porta bandeira fantasiados de Nanã e Vodum, Nanã a orixá mais antiga do terreiro, considerada mãe de todas e Vodum seu companheiro. Importante frisar a participação dos orixás pois em toda a sua jornada Kehinde confiou e os citou muitas vezes. E essa primeira

entrada de mestre sala e porta bandeira, significa justamente, a vida antes da protagonista ser raptada, são santos de África, da sua origem. (G.R.E.S PORTELA, 2024)

Dando continuidade, entram as guardiãs do casal, que são mulheres que amamentam para, mais uma vez, reforçar o matriarcado, também é nesse momento que a presidente de honra, Tia Surica, baluarte da escola aparece, na ala dos Ibejis (os Erês, representação das crianças na religião), chegando logo depois as matriarcas que colocavam as cestas na cabeça e iam vender suas mercadorias para conseguirem dinheiro para comprar a alforria, esse momento antecede a entrada do tripé “raízes de Savalu” com a aparição do ministro Silvio Almeida como Luís Gama sentado fazendo a carta para sua mãe, momento que dá o pontapé para toda essa história ser contada, a autora Ana Maria Gonçalves também aparece nesse mesmo tripé como a “mãe ancestral da história” esse carro é desenhado como a “Árvore da vida”. Com a ala Culto Vodum, o carro Abre Alas aparece com o nome Terras de Daomé, uma terra conquistada por uma linhagem iorubá e o culto Vodum, culto esse que passa a ser proibido. No livro há o registro da morte de duas figuras importantes para Kehinde: sua mãe e um amigo (assassinados pelas mãos dos empregados do rei). No carro Abre Alas, a tradicional águia da Portela aparece com toda a sua grandeza e significados, diferente do comum, vestida de farrapos e com raízes. É um carro que representa o porto de onde a protagonista foi tirada à força para vir ao Brasil no processo de escravização, as alas representam as origens tanto de local, quanto de religião da Kehinde. (G.R.E.S. PORTELA, 2024)

Transicionando para um 2º momento do desfile chegamos na parte da viagem de Kehinde, sua avó e sua irmã para o estrangeiro em que como bem se conhece muitos morreram no processo dos navios negreiros, fato esse que vem muito bem ilustrado pela Escola, a ala “A travessia” representa o mar em um tom de azul mais escuro, denso e de certa forma misterioso para poder representar mesmo esse momento de incerteza e morte para poder antecipar o tripé nomeado de “Sob a proteção de Iemanjá” em que desenha a orixá enquanto imagem o mais real possível, ou seja, como uma entidade preta, em que a orixá carrega um barco branco na cabeça para representar os invasores, os colonialistas. Além do simbolismo da própria Iemanjá de ser a rainha das águas e quem guarda as almas das pessoas que morreram no mar, esse mesmo oceano que é o maior cemitério de pessoas negras já pesquisado. (G.R.E.S. Portela, 2024)

Encerrando a travessia os sobreviventes chegam à Bahia, no desfile representado pelo 2º casal de mestre sala e porta bandeira fantasiados de Santos Católicos, os santos dos brancos, que nomeavam os africanos que chegavam já que como já mencionado, os brancos não aceitavam os nomes de África deles. Isso aconteceu com a própria Kehinde que no início se negou, mas no contexto de enxergar uma melhor chance de vida quando comprada, voltou atrás e adotou o nome de Luiza Mahin, o que a remetia ao nome que também foi entregue a uma companheira amiga de travessia que faleceu. Seguindo o desfile mostra o momento que Kehinde chega a Salvador, o tamanho estranhamento com a imposição religiosa, trazida pelas várias e grandiosas igrejas e como para na visão dela e de vários outros aquilo era ser uma pessoa pagã, justificando assim o nome “Salvador Pagã” da ala. Já introduzindo a bateria, Bianca Monteiro, vem fantasiada de Oxum e os componentes de um dourado forte e bem amarelado. Relevante mencionar a bateria pois a portela traz para a avenida Ogãs, os responsáveis pelo toque do tambor que sabem como manda descer santos, como manda subir santos, com seus atabaques, que na verdade recebem o nome de Congas devido ao material da pele ser sintético, mencionando mais uma vez como a religião de Kehinde funciona, sem Ogã não há gira, sem bateria não há escola de samba. (G.R.E.S Portela, 2024)

Vindo logo atrás da bateria, entra a ala nomeada de “Irmandade da Boa Morte” que é onde o Secreto Feminino começa a se organizar em um só conjunto para poder fazer

uma passagem mais digna para aqueles que morrem. Após o encerramento dessa ala, vem o carro Casa das Minas em que representam o culto aos voduns, o que acontece aos pés das árvores, Casa das Minas local onde Kehinde consegue se reconectar com os caminhos do culto que ela aprendeu ainda com sua avó na África. Abrindo o 4º setor da escola, vem a ala “Xangô, a justiça que arde em nossa pele” representando o momento em que Kehinde serve de inspiração para outras mulheres e a exaltação de seu filho Luís Gama. Inspiração porque Kehinde foi parte da linha de frente de várias revoltas de escravos, entre elas, a maior, a revolta dos Malês, momento traduzido também no samba enredo no verso “O sangue que corre na veia é Malê”. (G.R.E.S Portela, 2024)

No 3º casal de mestre sala e porta bandeira vêm representando o sonho do narrador Luís Gama em que coroa sua mãe como rainha do Brasil por tantas tentativas e insurreições por liberdade e as próximas alas trazendo as afirmações que os Malês teriam mudado o destino de todo um país, mas também teriam mudado o destino de Kehinde, citado no verso “Tal história de Mahin/ Liberdade se rebela”. Surge também a ala sobre os cemitérios pois o preto que morria não tinha direito a velório, túmulo ou sequer cemitérios, algumas vezes não tinham nem espaço para guardá-los com a dignidade que eles enquanto seres humanos mereciam, servindo também de mais uma denúncia, pois sem túmulo como saber onde estão enterrados os corpos de nossos ancestrais? (G.R.E.S. Portela, 2024)

O único cemitério em comum é o mar, é o oceano, se colocando como mais uma tentativa de apagar de vez a existência e identidade desse povo, um grande exemplo disso é a vida de Luiza Mahin que só foi ser lembrada após a carta de Luís Gama fazendo um trabalho de reconstituição da vida dela, mas até o momento conseguiram pouquíssimos registros, o livro, um defeito de cor, é uma ficção que Gonçalves cria em torno desses registros que ela teve acesso, não havia lápides, certidões e as histórias faladas, instrumento mais comum usado pela cultura negra, são descredibilizadas. O 4º carro vem realizando esse sonho de Gama fazendo a coroação de Kehinde como a rainha da liberdade, se tivesse vencido as guerras, esse carro tem como musa Sheron Menezes trazendo como símbolo “Negra é a pele da liberdade”, teorizando sobre o que poderia ser o Brasil com uma mulher negra como poder maior da nação. Esse carro traz vários elementos da história de origem de Kehinde que foi passado ao seu filho, para Gama, seria mais do que justo essa coroação mas ele sabe que é algo imaginário e na carta ele descreve isso, também descreve sobre o ambiente que o rodeia, os leões de Xangô (o orixá da Justiça) acompanhados por sombreiros do maracatu e fitas da congada, uma forma de recapitular e expor a luta de todas as mulheres negras separadas de seus filhos, uma realidade ainda muito atual. Para finalizar esse resgate do desfile, vem 5 alas “Agudas: o retorno”, “Tocar as raízes” e a ala “O Legado - A carta”, onde a mãe de Luís Gama faz seu retorno a África, retorna ao Brasil apenas uma vez após, todos os acontecimentos, diz ainda Gama em sua carta que ele nunca soube onde e quando a mãe dele foi parar e nem como ela faleceu, a escola se encontrando em si mesma, na comissão de frente onde vemos o encontro de mãe e filho depois da águia abrir suas asas, se entende que eles irão passar por essa grande história angustiante, mas que estão juntos. Nas próximas alas chamada de “Reencontros” e “Um defeito de cor” e com musas representando “Raízes que não se soltam” e “Ventos do reencontro” chegamos ao final com o carro “Em cada Porto, nosso ninho” para reafirmar esse genocídio preto, esse país tão racista que infelizmente não ficou no tempo da escravidão, com mães que desencontraram seu filhos, com objetos que lembrem eles para que assim não deixe a memória deles morrerem assim como aconteceu com seus antepassados. (G.R.E.S. Portela, 2024)

3. SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE

A Portela carrega uma tradição de levar para a avenida grandes reflexões sobre o que é o Brasil em diferentes momentos. Embora não seja exclusivo da Portela, outras escolas de samba tem usado os desfiles para denunciar algumas violações de direitos, como por exemplo o desfile da Estação Primeira de Mangueira, em 2019, o carnavalesco da escola deu uma entrevista ao Charla Podcast relatando o seguinte: “ ... A escola de samba ela é um recorte da sociedade brasileira/ Você quer entender a sociedade brasileira, você quer entender o jogo político, você quer entender aspectos sociais antropológicos? Você olha para a escola de Samba.” (Charla, 2024).

Ainda nesse mesmo podcast, mas em outra pergunta sobre o suposto academicismo que está acontecendo no carnaval na visão do questionador, o carnavalesco responde da seguinte forma: “[...]Eu vejo as pessoas o tempo todo tentando ditar o que é um desfile de Escola de samba e o grande equívoco das pessoas sobre o que é o desfile de Escola de Samba é tentar restringir uma atividade que é viva, que está sempre em constante mudança”

Isso significa que o carnaval é uma manifestação cultural que às vezes pode ser que seja finalista, uma vez que pode ser um momento que chegue em lugares para muito além da passarela, além do Brasil e quando atinge um público causa um efeito dominó de discussões diversas sobre o assunto, que engrandecem a sociedade para podermos alcançar uma sociedade com um olhar mais plural, profundo e tolerante, ao mesmo tempo um olhar mais crítico e real sobre as mazelas do passado, para que assim o assunto e a memória desse povo que foi escravizado não seja mais apagado e assim, o Brasil poder olhar para essa mancha na história e não cometê-la mais. Nunca mais. Existem ferramentas que trabalham para esse resgate, uma delas é a Academia Brasileira de Letras, que levantou o livro “Um defeito de cor” como leitura obrigatória contemporânea dada a sua escrita realista, crua, mas muito bem construída a todo momento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, verifica-se que o Carnaval enquanto atividade viva e de pura e livre manifestação também pode existir para um movimento de protesto de um povo, de forma artística. Sutil ou não, cadenciada ou não, os desfiles e protestos acontecem de diversas formas. O desfile em questão foi um marco muito grande do ano carnavalesco, dado as circunstâncias da escola, mas também e me arrisco a dizer principalmente pelo trabalho minucioso e muito bem feito da escola junto aos seus carnavalescos, presidentes, e demais componentes e trabalhadores para fazer o espetáculo acontecer. Como recompensa ao trabalho, a escola gabaritou no quesito Enredo na apuração e ganhou o Estandarte de Ouro 2024 em Escola e Enredo (O Globo, 2024). Prêmio extraoficial mais antigo e importante do Carnaval. E atesta-se a grandeza da voz da escola centenária e do evento de modo geral para o desenvolvimento de um país, mesmo que contrariada por um movimento conservador crescente no Brasil, não se curva e defende suas raízes.

Já no que tange o legado e idealizações para o futuro, o tema trabalhado pela Portela tem potencial - tanto que o livro “Um defeito de Cor”, que consubstanciou o enredo da agremiação foi o mais vendido do ano da Amazon (Brasil de Fato,2024) apenas no tempo que ainda estava desfilando -para continuar em busca do desejo do Preâmbulo da Constituição Federal de 88 que pede por uma sociedade mais fraterna e pluralista. Algo que só pode se alcançar com mais memória, luta e um olhar mais

cuidadoso, amoroso e humanista para as questões de povos que vêm sendo marginalizados desde o Brasil Colônia,

Por fim conclui-se que o trabalho de Kehinde, Luís Gama, entre outros personagens do movimento abolicionista que foram retratados pela Portela em um enredo forte e poderoso para exigir o reconhecimento e a memória das lutas por direitos, num cenário de avanço desde que o passado seja revisitado nas mais variadas questões que tangenciam a dignidade de um povo, afinal, as pessoas envolvidas no repasse da nossa história podem estar contribuindo para que a icônica frase de Edmund Burke seja um alerta ao invés de uma constatação.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE FATO. **Livro retratado pela Portela na Sapucaí é o mais vendido da Amazon**. Brasil de Fato, Rio de Janeiro, 14 fev. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/14/um-defeito-de-cor-livro-retratado-pela-portela-na-sapucaie-o-mais-vendido-da-amazon>. Acesso em 16 de Maio de 2024.

G.R.E.S. PORTELLA. Equipe. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://gresportela.com.br/Equipe>. Acesso em 16 de Maio de 2024.

G.R.E.S. PORTELLA. Enredo “Um defeito de cor”. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://gresportela.com.br/Enredo>. Acesso em: 16 de Maio de 2024
Larissa Zoppellaro. (2022). Um Defeito de Cor. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/77nmdsgdUp8BXHxXgDMP20>. Acesso em Maio de 2024.

LIESA. Livro **Abre Alas**. Rio de Janeiro, 14 mai. 2024. Disponível em: <https://www.liesa.com.br/livro-abre-alas>. Acesso em 16 de maio de 2024.

O GLOBO. **Portela conquista o Estandarte de Ouro de Melhor Escola do Carnaval 2024**. O Globo, Rio de Janeiro, 13 fev. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/02/13/portela-conquista-o-estandarte-de-ouro-de-melhor-escola-do-carnaval-2024.ghtml>. Acesso em 16 de Maio de 2024.

PODCAST, Charla. (2024, 26 de Abril). [CHARLA #368 - Leandro Vieira & João Drummond [Imperatriz Leopoldinense]. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lm5N4IEyjEQ>. Acesso em 16 de maio de 2024.